

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Tarde Class.: Panará 139

Data: 08/06/73 Pg.: 15

ÍNDIOS

Apoena encontra os pequenos e doentes kranhacãrores

Os kranhacãrores receberam Apoena Meirelles em sua aldeia. Ele comeu bananas, foi tratado como chefe e constatou que os índios não são gigantes. E que estão doentes.

Se ainda havia dúvidas, elas acabaram quando o sertanista Apoena Meirelles entrou na aldeia principal. Os índios kranhacãrores não são gigantes de dois metros de altura, são até menores que os xavantes — cuja estatura varia de 1 metro e 70 a 1 metro e 80.

Apoena, que substituiu Cláudio Villas-Boas na chefia da frente de atração dos kranhacãrores, passou uma noite na aldeia e certamente consolidou o contato feito há três meses. Ontem ele enviou um radiograma à Fundação Nacional do Índio — Funai —, em Brasília, relatando a visita.

Acompanhado dos quatro xavantes que dão apoio à sua expedição e de 30 kranhacãrores que visitaram o acampamento do rio Peixoto de Azevedo no início da semana, o sertanista andou cerca de cinco horas pela mata. Ao chegar à aldeia, a 35 quilômetros do rio, foi recepcionado com batatas e bananas e pintado com tinta de jenipapo, e assim tornado igual aos índios e tratado como chefe numa festa com os caciques.

A cordialidade dos índios, contudo, foi manifestada de maneira aparentemente incômoda. Apoena Meirelles e os integrantes de sua equipe não conseguiram dormir na noite que passaram na aldeia. Os guerreiros da tribo ficaram o tempo todo batendo com suas bordunas no chão, com muita força e fazendo barulho, numa demonstração de vigilância e cuidado com a vida dos visitantes — que haviam concordado em ir à aldeia desarmados.

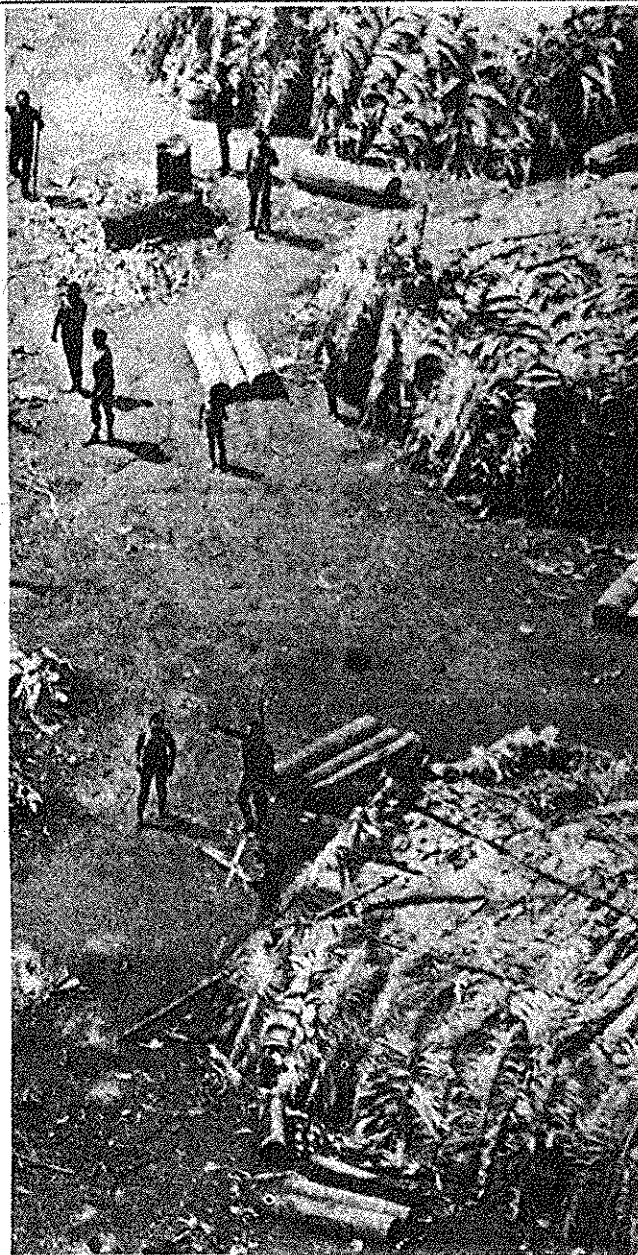
Apoena, porém, pôde observar que os lendários kranhacãrores, que até agora viveram na área cortada pela rodovia Cuiabá-Santarém, são muito poucos. Estão reduzidos a um grupo de aproximadamente 100 pessoas, e a maioria está com doenças na pele.

A POLÍTICA INDÍGENA

A quem cabe desenvolver a política indigenista no Brasil? Segundo o general Ismarth Araújo de Oliveira, presidente interino da Funai, "isso é atribuição do governo e não da Funai".

A surpreendente resposta do general foi dada a deputados de Mato Grosso durante a conferência que lhe fez anteontem sobre a situação dos índios no Brasil. O general Ismarth Oliveira está em viagem de inspeção pelo Estado, visitando as delegacias regionais e os postos indígenas da Funai, e aproveitou para fazer palestras na Assembléia Legislativa, na Universidade Federal, em Cuiabá, anteontem e ontem, e na Universidade Estadual, em Campo Grande, hoje.

Nas duas conferências em Cuiabá, o presidente interino — o general Bandeira de Melo, presidente efetivo, está na Europa — valeu-se de slides e das intervenções dos assessores especiais que o acompanham. Foi o agrônomo Walter Ferreira Men-



A aldeia dos kranhacãrores.

des, por exemplo, quem atendeu ao pedido de explicação do deputado Rubêns Figueiró sobre os conflitos entre índios e agricultores na região de Bodoquena (As terras — cerca de um milhão de hectares — foram doadas por decreto imperial a índios munducuru que participaram da Guerra do Paraguai, mas agora estão arrendadas para os agricultores, em detrimento dos kadiweu, descendentes dos munducuru). A resposta do agrônomo:

— Esta é uma questão reservada.

Contudo, explicou que o Estatuto do Índio — em votação no Congresso — proíbe o arrendamento de terras do patrimônio indígena. Mas o deputado, eleito pela Região de Bodoquena, sugeriu que já "é hora da Funai acabar com o clima de insegurança que atravessam atualmente algumas regiões de Mato Grosso, em razão de problemas surgidos de terras e índios".

Na Universidade Federal, a conferência do general Ismarth foi assistida por dezenas de estudantes que, no final, mandaram perguntas por escrito. Uma delas — sobre "consequências da integração", foi respondida pelo antropólogo Olímpio Serra: "A Funai vive hoje uma situação de emergência" onde apenas 33 entre 143 grupos indígenas dão alguma tranquilidade, "assim mesmo por serem índios isolados ou em contato permanente. O resto é um verdadeiro pesadelo".

O XAVANTE FUGIU PARA DIZER QUE SEU POVO QUER CONHECER AS CIDADES

O índio Cereroê, de 24 anos, futuro chefe dos 400 xavantes que vivem na reserva de Sangradouro, em Mato Grosso, foi a Brasília reclamar maior liberdade para seu povo: "Eles pretendem conhecer as cidades brasileiras".

Cereroê burlou a vigilância dos padres salesianos responsáveis pela reserva e disse às autoridades da Funai que os

índios precisam também de apoio à pecuária e de cursos de especialização.

— Eu, por exemplo, já sei ler e escrever, e agora quero entrar para uma auto-escola. No futuro pretendo morar na aldeia, mas nada me impedirá de viajar, comerciar com o branco e me integrar na sua vida.

Os padres salesianos não

permitem que os índios saiam da reserva. Ela foi criada recentemente para abrigar os 400 índios que vivem na região de Couto Magalhães, onde foram contratados pelo sertanista Francisco Meirelles em 1945, mas Cereroê se queixa de que os religiosos controlam tudo e evitam seu contato com os brancos das cidades. Francisco Meirelles, que está em Brasi-

lia após se desligar da equipe que estuda as aldeias na rota da rodovia Perimetral Norte, declarou:

— Não podemos impedir isso. É uma opção feita pelo próprio índio. Já que o contato é inevitável, nossa obrigação é prepará-lo adequadamente para que o impacto de uma nova cultura não deixe marcas negativas.